

POVOS INDÍGENAS NO BRASIL

FONTE : Globo

CLASS. : Gov Col 187

DATA : 30 11 90

PG. : capa / 02

Telefoto de José Varela



Índios pedem a Collor que demarque a área caiapó

O Presidente Collor ouviu ontem, em várias línguas, um mesmo pedido: a demarcação dos quatro milhões de hectares de terra entre o Parque do Xingu e a área indígena caiapó, onde vivem os caiapós-tucaramães, tribo do cacique Raoni. Na visita ao Parque, onde esteve com caciques de 13 tribos, Collor liberou Cr\$ 129 milhões para a construção de 54 escolas. **Página 2**

Na visita ao Parque do Xingu, o Presidente Fernando Collor ganha um cocar de presente do pai do cacique Aritana

Índios fazem a Collor mesmo pedido em diversas línguas: demarcação

CRISTIANA LOBO
Enviada especial

POSTO LEONARDO, ALTO XINGU — Ao visitar ontem, no Parque do Xingu, índios de 13 tribos, o Presidente Fernando Collor ouviu a mesma reivindicação em várias línguas: a demarcação imediata dos quatro milhões de hectares de terra na região mecragnetire (entre o Parque do Xingu e a área indígena caiapó), onde vivem os caiapós-txucarramães, tribo do Cacique Raoni.

Collor foi ao Posto Leonardo, da Funai, liberar Cr\$ 129 milhões, através de convênio do Ministério da Educação com a Funai, para a construção de 54 escolas destinadas a índios da região e ouviu outras reivindicações: maior apoio à saúde do índio e preservação da cabeceira dos rios que passam pelas reservas indígenas. Depois de anunciar que, até o final de seu mandato, visitará todas as tribos do País — 177 grupos espalhados por 544 áreas, segundo a Funai —, Collor prometeu assistência médica às 13 tribos e convidou um menino índio para integrar o Ministério da Criança. Pintados com o vermelho do urucum e o preto do carvão e do genipapo, os 13 caciques das tribos se enfileiraram de manhã, para receber Collor.

— Doenças novas para os índios, como a catapora e o sarampo, estão chegando aqui. Os garimpeiros usam veneno na cabeceira dos rios e as águas chegam aqui contaminadas — denunciou o Cacique Aritana, da tribo iavalapiti.

O Presidente prometeu resolver os problemas e assinar, em Brasília, na presença de índios, a demarcação.

— O Mundo não foi feito num dia, nem em uma hora. Estamos inaugurando hoje nova fase de relações entre as comunidades indígenas e o Governo — advertiu.

O Presidente passou uma hora e meia no Parque Leonardo. Na chegada, o mesmo cumprimento a todos:

— Como vai cacique? Tudo bem?



Foto de Cristiana Lobo

Collor cumprimenta os Caciques Aritana, Raoni, Culisi, Celestino e Tutu Pombo

Mas com Raoni, foia além: — E seu amigo galego, como vai? — perguntou, referindo-se ao roqueiro inglês Sting, que percorreu a Europa junto com o Cacique.

Sting estivera no Posto na véspera e era esperado uma hora depois.

Collor perguntou ao Presidente da Funai, Cantídio Guimarães, se o Ministro da Saúde, Alcení Guerra, tinha visitado a área e disse que é fundamental a solução do problema da saúde. Saudado com gritos e danças de festa, enquanto caminhava da pista de pouso ao posto, Collor quis inteirar-se das questões indígenas e perguntou a Cantídio onde estão os recursos da Fundação Mata Virgem, criada por Sting — US\$ 1,3 milhão — para ajudar na demarcação das terras dos caiapós. Cantídio respondeu que Sting estivera lá na véspera e informara que o dinheiro só seria liberado depois que o decreto autorizando a demarcação for assinado.

Collor recebeu e deu presentes. De Raoni, ganhou uma borduna feita em madeira de ipê amarelo, farta na área da tribo.

— Matei dez onças com esta borduna — contou o cacique.

— Raoni, Raoni. Dez de uma vez?! — duvidou Collor.

O Ministro do Trabalho, Antônio Rogério Magri, emendou:

— Uma pancada com isso mata mesmo.

Animado, Magri combinou com o Cacique Aritana uma visita à aldeia, para lutar uca-uca (luta tradicional na tribo) com ele.

Quem mais entusiasmou Collor foi o Cacique Celestino, da tribo xavante, que fez seu discurso de reivindicações na língua da tribo e deu de presente ao filho do Presidente, Joaquim Pedro, uma borduna pintada com bolas pretas.

— O Brasil é nosso. O dono do Brasil é índio. Dei presente a seu fi-

lho e nós também temos filhos, netos. Presidente é pai do índio, pai do Brasil. Água de índio não pode ficar suja — disse Celestino no discurso, traduzido imediatamente por um funcionário da Funai.

O Presidente da Funai quis interromper o índio, mas Collor mandou que continuasse.

— O Celestino é bom, é incisivo. Vou lá na sua aldeia.

Durante a visita o Presidente conheceu Fernando Collor, sobrinho do Cacique Aritana, que nasceu no dia 15 de março, data de sua posse. Tentou pegar o menino de nove meses no colo, mas ele chorou muito.

— Ele é bravo. É guerreiro. Vai ser danado — disse Aritana.

Collor ficou muito impressionado quando Aritana lhe apresentou suas duas mulheres, que são irmãs.

— Aqui pode — comentou Collor.

Os índios — cerca de 200, levados para receber o Presidente — mostraram que têm gosto pelas coisas do branco. Usam óculos tipo Rayban, sandálias Rider, como as do campeão de Fórmula 1, Nelson Piquet, jeans e calções de nylon. A visita foi documentada pelo índio caiapó Neamoro, que acompanhou a comitiva filmando com uma novíssima Panasonic. E o Presidente recebeu duas fotos Polaroid tiradas durante a visita.

Depois de ouvir a saudação de Aritana e a repetição das reivindicações, Collor explicitou suas curiosidades. Quis saber de que eram feitos o cocar (de penas de arara azul) e os braceletes, de penas de tucano. No final, ganhou os símbolos de um cacique: uma coroa de couro de onça e um cocar, também em couro de onça, próprio dos caciques mais antigos.

Collor sucumbiu à superstição e não pôs na cabeça o cocar que recebeu do Cacique Tutu Pombo — todos os que o usaram foram derrotados nas urnas, como Ulysses Guimarães, Paulo Maluf, Flávio Marçílio e Tancredo Neves, que ganhou mas não tomou posse. Só usou o colar que os índios deram para Dona Rosané.